

MARY HOPKIN

Era uma festa bem animada, de gente barulhenta e alegre, a música tocava alto e a gente precisava gritar para se fazer ouvir. Após conversar com minha amiga que trajava uma reluzente minissaia, ex-aluna e então professora na mesma faculdade que eu, logo que ela se afastou, um cara desconhecido se aproximou e, com a maior cara de pau, perguntou: “quem é o pitézinho?”

Esse é o termo que queria usar numa crônica, para contar da Mary Hopkin, uma cantora britânica de música folk que ouvi na adolescência. Um pitéu que começou a carreira no tempo dos Beatles. Foi a magérrima Twiggy, grande top model da época, quem apresentou Mary ao beatle Paul McCartney após vê-la vencer um concurso de televisão tipo “The Voice Brazil” com a canção “Turn, turn, turn”. Entusiasmado com a voz da menina, sir Paul a apadrinhou e a introduziu no mundo musical e do show business, contratando-a para a gravadora Apple dos Beatles, compondo para ela e produzindo seu primeiro disco, já pela célebre gravadora da maçã.

O compacto simples “Those Were the Days”, de 1968, produzido por Paul McCartney foi o primeiro e o maior êxito da sua carreira, é a versão inglesa de uma canção russa. Logo em seguida, Paul compôs seu segundo single (“Goodbye”), e produziu o álbum “Post Card”. Conheci a voz da garota quando o disquinho com “Those were the days” chegou à loja “A Lâmina de Ouro”, na praça Barão da Franca, que era reduto dos que gostavam de música na cidade. Gostei da novidade (afinal, era recomendada por sir Paul McCartney) e pedi dinheiro para meu pai para comprar o dito cujo, que girou na vitrola sem parar por várias semanas, ao lado da minha cama na rua Júlio Cardoso. Numa revista “Intervalo”, apareceram umas fotos da garota de minissaia e confirmei que a loirinha era mesmo um pitéu, especialmente para jovens imberbes na puberdade.

Logo em seguida os Beatles se separaram (não por culpa da Yoko Ono), fui embora estudar em São Paulo, a Apple praticamente quebrou e nunca mais ouvi falar em Mary Hopkin. Até que uma sinapse recente, sei lá por qual motivo (será o alemão?) fez com que ligasse a palavra pitéu à mocinha do País de Gales. Fui procurar no “pai dos burros”, o Google, e lá estava a senhora Hopkin em muito bom estado. Casou em 1971 com Tony Visconti (divorciou em 1981), um músico e produtor de grandes roqueiros como David Bowie e T. Rex, teve filhos e retirou-se da vida musical, vive meio nômade e pouco aparece na mídia. Uma de suas últimas gravações foi a canção “Rachael's Song” de Vangelis, para o filme Blade Runner. Não consegui descobrir se continua um pitéu, deixo a tarefa aos leitores.

Mauro Ferreira é arquiteto